

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO UNISA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

ALEX SANTOS DE OLIVEIRA

O Benefício da Atividade Lúdica em crianças Hospitalizadas

São Paulo

2015

ALEX SANTOS DE OLIVEIRA

O Benefício da Atividade Lúdica em crianças Hospitalizadas

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação, Mestrado em Ciências da
Saúde da Universidade de Santo Amaro, para
obtenção do título de Mestre em Ciências da
Saúde.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Regina Andrade de Azevedo

São Paulo- SP

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas oportunidades que com tanto amor tem me propiciado entre elas a de poder participar da realização desse projeto, de conhecer professores e colegas tão especiais e de poder aprender com cada um deles.

Agradeço especialmente aos meus pais e amigos que tanto me apoiaram, dividindo seu tempo e esforços para me ajudarem.

Agradeço a Professora Maria Regina que com tanta paciência e dedicação esteve ao meu lado na elaboração dessa pesquisa e a todos os Professores do mestrado que me acompanharam nesta etapa

Gostaria ainda de agradecer a todos os participantes deste projeto, em especial a equipe dos palhaços, aos profissionais de saúde, às crianças e aos seus acompanhantes pela colaboração.

RESUMO:

O brincar está presente nas pretensões da criança mesmo quando ela está hospitalizada. Intervenções através de palhaços, brinquedos ou espaços de lazer constituem ações importantes com a função de alegrar e amenizar as sensações desagradáveis da hospitalização. Neste trabalho foi realizado um estudo qualitativo através de uma pesquisa bibliográfica e um questionário semi-estruturado dirigido a 10 profissionais da equipe Esparatrapos de Palhaços Hospitalares, 10 acompanhantes/pais das crianças hospitalizadas e 27 profissionais do Hospital Sepaco na Cidade de São Paulo durante o segundo semestre de 2014 buscando abordar os efeitos das atividades lúdicas a partir das intervenções dos palhaços hospitalares em crianças hospitalizadas. Os resultados mostraram através da bibliografia analisada, que a atividade lúdica exercida pelos palhaços hospitalares tem efeitos positivos sobre as crianças, seus acompanhantes e sobre os profissionais de saúde em diversos hospitais do mundo inteiro. Através do questionário foi possível perceber que a atividade lúdica exerce influência sobre os grupos analisados e fortalece a relação entre a criança hospitalizada e os profissionais de saúde bem como a relação entre seus acompanhantes, promovendo uma melhor adaptação ao ambiente hospitalar, recuperação e enfrentamento da doença, mostrando melhoras nos aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais. Assim, a atividade dos palhaços pode ser vista como uma modalidade técnica fácil de usar, com baixo custo que gera benefícios dentro de diferentes contextos terapêuticos.

PALAVRAS CHAVE: hospitalização infantil; palhaços hospitalares; atividade lúdica

ABSTRACT

The play is present in the claims of the child even when it is hospitalized. Interventions by hospital clowns, toys or recreational areas are important actions with the function to brighten and soften the unpleasant sensations of hospitalization. In this work we present a qualitative study through a literature search and a semi-structured questionnaire directed to 10 professionals from Esparatrapos team of hospital clowns, 10 companions/parents of hospitalized children and 27 professionals of Sepaco Hospital in São Paulo during the second half of 2014 trying to find the effects of recreational activities from the interventions of the hospital clowns in hospitalized children. The results showed through the literature review that the recreational activity exercised by hospital clowns have positive effects on children, on their companions and also on healthcare professionals in many hospitals around the world. Through the survey it was revealed that the play activity had influences in all the analyzed groups and strengthens the relationship between the hospitalized child and healthcare professionals as well as the relationship with their companions, promoting a better adaptation to the hospital environment, recovery and coping with the disease showing improvements in physiological, psychological and social aspects. Thus, clowns activity can be seen as an easy-to-use, inexpensive and natural technical modality that generates benefits to be used within different therapeutic settings.

KEY WORDS: child hospitalization; hospital clowns; playful activity

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....pag.20

Tabela 2.....pag.21

Tabela 3.....pag.22

Tabela 4.....pag.22

Tabela 5.....pag.23

Tabela 6.....pag.24

Tabela 7.....pag.24

Tabela 8.....pag.25

Tabela 9.....pag.26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVO.....	11
3. REVISÃO DA LITERATURA	
3.1. A atividade lúdica e a criança hospitalizada.....	12
3.2. A Visão dos acompanhantes em relação à atuação dos Palhaços hospitalares.....	15
3.3. A visão dos profissionais de saúde em relação às atividades dos palhaços hospitalares.....	16
4. METODOLOGIA.....	19
5. RESULTADOS	20
6. DISCUSSÃO	28
7. CONCLUSÃO.....	31
8. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

A infância é um momento fundamental para o desenvolvimento humano e o brincar uma ocorrência natural. Nesta fase a criança aprende sobre si e acerca do mundo em que vive através dos brinquedos e das brincadeiras que são essenciais para o desenvolvimento físico, motor, cognitivo, emocional e social. O brincar está presente nas pretensões da criança mesmo quando está hospitalizada. Intervenções com a função de alegrar o ambiente e amenizar as sensações desagradáveis da hospitalização podem ser realizadas através de palhaços, brinquedos, espaços de lazer ou alguma outra forma lúdica de interação^{1, 2}.

O ambiente hospitalar, geralmente, desconhecido para a criança e pela família implica em uma adaptação e envolve questões relacionadas a restrições de horários, alimentação e ambiente, podendo causar uma descaracterização do paciente e dificultar o enfrentamento da doença. Mesmo permanecendo hospitalizada, a criança está em um momento de sua vida que possui a necessidade de manter contato com diferentes situações e atividades que possam minimizar esse momento desconfortável que vai desde a aceitação da doença até a preservação de sua vida. Nesse sentido, a recreação parece propiciar um equilíbrio no contexto hospitalar permitindo um espaço para a manifestação do lúdico^{3, 4}.

É necessário dar importância às relações estabelecidas entre o paciente e o meio no qual ele está inserido, mesmo que sua permanência seja de apenas poucas horas. Tudo que ocorre nesse período de tempo poderá influenciar a criança positiva ou negativamente, podendo afetar seu desenvolvimento⁵. A criança hospitalizada mostra a sua sensibilidade e autenticidade de forma intensa, entrega-se à equipe, confiando nos seus cuidados, estando exposta a inúmeros procedimentos que, por vezes, são invasivos. Além disso, depara-se com o ambiente de pessoas desconhecidas, distante do seu cotidiano familiar, do brincar e de estudos quando em idade escolar⁶. O brincar emerge como uma tentativa de transformar o ambiente hospitalar, proporcionando condições para minimizar os danos psicológicos advindos da intervenção hospitalar, facilitando o acesso à atividade simbólica e a elaboração psíquica de vivências do cotidiano⁷.

Diante da dor e da possibilidade da morte, a promoção do brincar busca vivenciar uma experiência diferente com as crianças onde a escolha do lúdico como instrumento de trabalho estaria vinculada ao conceito que esses profissionais têm sobre tratamento e cura⁸. Nesse sentido, ao invés de se lidar apenas com a incapacidade e as limitações, viria a estabelecer outro tipo de relação em que por meio do processo lúdico se privilegie o saudável e o prazeroso.

No agir profissional da equipe de saúde é necessário um relacionar-se com o outro, buscando compreendê-lo em sua dimensão existencial que abarca além de um corpo doente, também um existir permeado de alegrias, sofrimentos, emoções e esperanças⁹.

São varias as ações lúdicas possível nos ambiente hospitalar, estão entre elas os contadores de história, a utilização de leitura, a intervenção através de jogos e dinâmicas, apresentações teatrais, entre outras, presente pesquisa é realizada a parte da atividade realizada com palhaços terapêuticos.

Os atores que atuam como palhaços hospitalares constituem uma equipe de artistas formada por profissionais especializados na arte do palhaço (*teatro clown*), artes circenses e musicais. Os profissionais visitam cada unidade de internação duas vezes por semana, por aproximadamente seis horas diárias. Em duplas, percorrem cada leito, buscando, por cerca de seis meses, comparecer ao mesmo hospital, visando à criação de vínculos entre os diferentes profissionais que integram a equipe de saúde e familiares, vínculos estes que serão benéficos para criança¹⁰.

Os Doutores da Alegria foram os pioneiros a utilizar atividades lúdicas com crianças hospitalizadas, iniciaram em 1986, quando Michael Christensen um palhaço americano, diretor do *Big Apple Circus* de Nova York, apresentava-se numa comemoração em um hospital, quando pediu para visitar as crianças internadas que não puderam participar do evento. Assim, agindo de forma alegre, improvisada e despretensiosa, surge o grupo denominado *Clown Care Unit*^{10,11}.

Em 1988, Wellington Nogueira, brasileiro, fundador e diretor artístico dos Doutores da Alegria iniciou sua integração ao grupo americano. Em setembro de 1991, iniciou-se a implantação de um projeto similar no Brasil, no Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, atual Hospital da Criança, em São Paulo, enquanto outros projetos que galgavam os mesmos objetivos começaram a ser implantados na França e Alemanha¹⁰.

Na última década, houve um rápido crescimento da intervenção lúdica em hospitais. Milhares de crianças estão expostas a palhaços durante a internação; seis palhaços fazem parte do Programa Terapêutico Clown no Hospital for Sick Children, em Toronto, Ontário, Canadá, com mais de 10.000 visitas por ano. A Fundação Theodora patrocina palhaços em 82 hospitais em três continentes, Europa, África e Ásia. Nos Estados Unidos, 90 doutores palhaços do *Big Units Apple Circus Clown Care* realizam cerca de 250.000 visitas anualmente. Na América do Sul foram criados varias equipes a partir do projeto dos Doutores da Alegria¹².

No ambiente hospitalar a brincadeira tem sido utilizada como terapia desde 1934 com a consolidação da brinquedoteca em um hospital de Los Angeles -EUA, com o caráter de serviço de empréstimo de brinquedos. Este conceito disseminou-se para vários países: em 1963 na Suécia e em 1967 na Inglaterra. Na França a Associação das Ludotecas Francesa – ALF publicou um quadro de benefícios e qualidade na implantação das brinquedotecas^{13,15}.

No Brasil a importância da pratica recreativa nos hospitais determinou a criação da Lei numero 11.104, que determina a instalação de brinquedotecas em hospitais públicos e privados com serviços de internação pediátrica, destacando a importância da utilização das técnicas de recreação no tratamento da criança hospitalizada¹⁶. Ainda que alguns trabalhos comprovem o benefício da atividade lúdica em hospitais, a necessidade do estudo das praticas utilizadas no atendimento de crianças hospitalizadas e os reais benefícios proporcionados permitem valorizar e consolidar o trabalho destes profissionais cuja atividade é geralmente voluntária¹⁶.

Considerando o contexto atual das políticas públicas para o ensino e a saúde, é necessário investir na formação destes profissionais principalmente no campo da saúde. As Universidades têm um papel importante nessa direção, pois são responsáveis por conduzir e delinear os modelos existentes apontando as mudanças necessárias para uma formação holística e humanizada. Nesse sentido e diante da relevância da intervenção do palhaço no ambiente hospitalar junto a crianças hospitalizadas diversos projetos de extensão universitária na área da saúde têm sido implantados em parceria com escolas de artes cênicas para proporcionar ao acadêmico uma formação mais humanizada e desta forma agregar a sua vida profissional maior habilidade e competência na assistência ao paciente.

2. OBJETIVO

Objetivo Geral

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o impacto da atividade lúdica em crianças hospitalizadas através da intervenção de palhaços hospitalares.

Objetivos específicos

- Avaliar os efeitos da atividade lúdica exercida pelos palhaços hospitalares na visão dos profissionais da saúde que prestam o atendimento às crianças hospitalizadas
- Avaliar os efeitos da atividade lúdica exercida pelos palhaços hospitalares na visão de familiares ou acompanhantes das crianças hospitalizadas.
- Avaliar os efeitos da atividade lúdica na opinião dos interventores que atuam como palhaços hospitalares.

3. REVISÃO DA LITERATURA:

A hospitalização infantil constitui um momento delicado para a criança, que além de ser submetida aos constantes procedimentos e rotinas hospitalares, encontra-se distanciada da família, escola, brinquedos, amigos e de todo um ritmo de vida anterior. As restrições do ambiente hospitalar e as próprias limitações decorrentes da enfermidade podem dar lugar a sensações e sentimentos como dor, angústia, tristeza e medo, comprometendo o desenvolvimento da criança¹⁷.

O envolvimento dos profissionais de saúde com as dificuldades das crianças hospitalizadas exerce influencia sobre o seu atendimento¹⁸. A atividade lúdica possibilita aos profissionais uma visão integral da criança que não se limita somente a cura, mas também ao restabelecimento e preservação da integridade física e emocional do paciente¹⁹.

A intervenção lúdica busca beneficiar não apenas a criança hospitalizada, pois constitui uma estratégia útil e prazerosa para os acompanhantes e profissionais de saúde atenuando as tensões e facilitando a comunicação e as relações sociais.

Uma revisão bibliográfica dos últimos 10 anos incluindo artigos relacionados ao tema “Intervenção lúdica de Palhaços em Hospitais” foi realizada e diante do objetivo proposto, optou-se pelo critério de análise e exposição em três sub itens principais: a atividade lúdica e a criança hospitalizada; a visão dos acompanhantes em relação à atuação dos palhaços hospitalares e a visão dos profissionais de saúde em relação às atividades dos palhaços hospitalares

3.1. A atividade lúdica e a criança hospitalizada

O brincar é a atividade predominante na infância e vem sendo explorado no campo científico, com o intuito de investigar sua relação com o desenvolvimento e com a saúde¹.

O brincar constitui uma atividade essencial para desenvolvimento e o bem estar da criança hospitalizada²⁰. As atividades lúdicas propiciaram benefícios incontestáveis às crianças e a necessidade da implantação de brinquedotecas em todos os hospitais que atendam crianças (Lei Nº 11.104, de 21 de Março de 2005). A brinquedoteca hospitalar surge como um exemplo de humanização, onde os

profissionais envolvidos atuam em conjunto, demonstrando a multidisciplinaridade do serviço. A arte dos palhaços hospitalares não é diferente, pode transformar espaços e pessoas. O objetivo é tirar por alguns minutos, o paciente do seu estado de “paciente”, dando-lhe a oportunidade de viajar com os palhaços para um lugar novo, onde tudo é possível.

Se de um lado em nome da tecnologia e competência científica, o hospital é estruturado para tratar o paciente de forma idêntica, fragmentária e especializada, de outro, acaba instituindo um processo de desumanização e destituição subjetiva dos pacientes, cujo efeito representa uma situação de risco para a saúde. A criança hospitalizada é merecedora de cuidados não apenas físicos como também de caráter psicológico, nesse sentido, entre os possíveis recursos utilizados como forma de humanização no ambiente hospitalar pediátrico, encontra-se o brincar, que ajuda a criança a enfrentar condições estressantes durante a hospitalização, expressar e desenvolver habilidades psicomotoras; resgatar sentimentos mais íntimos; vivenciar momentos alegres e prazerosos²¹.

O lúdico assume característica terapêutica e educativa, facilitando a comunicação, participação e motivando a criança em todo o seu período de hospitalização²². A criança hospitalizada mostra sua sensibilidade e autenticidade de forma intensa, confiando nos cuidados da equipe de saúde, tendo em vista tais características se faz necessário de uma implementação de intervenções efetivas na assistência à criança⁶.

Diversos estudos têm demonstrado um impacto positivo das atividades dos palhaços hospitalares sobre os *aspectos psicológicos* das crianças hospitalizadas. Em um estudo realizado com 28 crianças hospitalizadas com câncer, em Vitória/ES, 78,6% das crianças relataram que gostariam de brincar no hospital². No programa dos Doutores da Alegria 27,7% das atividades estão destinados a crianças e adolescentes²³. Em outra pesquisa realizada no Hospital Darcy Vargas em São Paulo com 34 crianças internadas para cirurgia, onde além da entrevista foram utilizados instrumentos e testes de observação, concluiu-se que a Brinquedo Terapia alivia a dor e tensão durante o curativo e possibilita uma maior compreensão dos procedimentos²⁴.

Oliveira e colaboradores, ao acompanharem 7 crianças na Unidade de Internação Pediátrica do Hospital Universitário de Santa Catarina observaram que

após a as brincadeiras as crianças ficavam mais calmas e relaxadas, tendo o brincar como uma forma de expressar seus sentimentos e minimizando seu sofrimento³. Estudo semelhante realizado com 10 crianças do setor de oncologia mostrou que aspectos psicológicos de comportamento como redução do choro e aumento de sorrisos foram observados após oficinas de “brincar”⁷.

Outros estudos mostram momentos específicos, como o realizado no Centro Cirúrgico Ambulatorial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, que apontou a influência da atividade lúdica sobre a ansiedade da criança no período pré-operatório, 50 crianças divididas em dois grupos, sendo um grupo experimental e outro grupo controle, apresentavam em primeira instância nível semelhante de ansiedade, feito a intervenção, após 15 minutos na sala de espera 92% das crianças do grupo experimental que participaram da recreação não apresentavam ansiedade, enquanto no grupo controle 88% apresentavam ansiedade⁵.

Além de efeitos positivos observados em relação aos aspectos emocionais da criança hospitalizada, o riso inicia uma cadeia de *reações fisiológicas*. Ele ativa o sistema cardiovascular, aumentando a frequência cardíaca e a pressão arterial, gerando um aumento do fluxo sanguíneo nos órgãos e da oxigenação do sangue²⁵.

Uma meta análise realizada por Oliveira e colaboradores, demonstrou que além dos benefícios circulatórios, as crianças hospitalizadas em contato com os palhaços hospitalares mostraram, através da terapia do riso, maior relaxamento muscular, um estímulo do sistema imunológico contra infecções, eliminação de toxinas e maior produção de endorfinas²⁶,

Entre os aspectos observados por Mussa e colaboradores, está a capacidade de movimentação. Ao descrever a reação de 15 crianças após a visita dos recreacionistas destacou-se que quatro dessas crianças, que se encontravam imóveis na cama no início da visita, passaram a se movimentar pelo quarto e outras passearam pelas dependências do hospital. Neste mesmo estudo foi também relatado que das nove crianças que não aceitaram comer antes da visita dos recreacionistas, oito aceitaram o lanche após a visita. Em relação a dor e mal estar, a maioria relatou diminuição da dor sem medicamento analgésico, porém em alguns casos, a atividade lúdica não foi suficiente para limitar as queixas de dor e enjojo²⁷.

Ainda sobre os efeitos fisiológicos, uma pesquisa feita com 43 crianças hospitalizadas com problemas respiratórios no Hospital Pediátrico de Roma (21

crianças pertencentes ao grupo experimental que recebeu a visita dos palhaços e 22 crianças pertencentes a um grupo de controle), constatou-se uma melhora clínica no grupo experimental incluindo menor tempo necessário para a cura, melhora na frequência cardíaca, febre, frequência respiratória, redução da dor e diminuição do estresse, após a visita dos doutores da alegria²⁸.

3.2 A Visão dos acompanhantes em relação à atuação dos palhaços hospitalares

O impacto causado pelo diagnóstico de uma determinada patologia e a necessidade de internação hospitalar de uma criança para tratamento inclui diversas mudanças na dinâmica familiar entre as quais podemos citar: alterações na relação conjugal, prejuízos em atividades sociais, profissionais e de autocuidado, administração de intercorrências e emergências, sobrecarga de cuidados, manejo da relação com os filhos saudáveis, vivências de medo, tensão, resignação, ansiedade ou incerteza e ainda dificuldades financeiras²⁹.

Fortalecer as relações de apoio entre a família e paciente é parte essencial para o trabalho terapêutico dos palhaços¹⁰, a ligação de apoio entre a criança e os pais/acompanhantes aumenta durante a internação, pois acabam acumulando as funções, entre elas educativas, parentais e a administração de suas próprias condições emocionais e da criança. Dos projetos e intervenções artísticas da organização dos Doutores da Alegria, 18,8% estão voltados a familiares e acompanhantes²³.

Com situações de mudança, estabelece-se uma relação às vezes marcada pelo amor e às vezes marcada pela privação. O brincar com a realidade possibilita a criança e a família uma criação de um espaço intermediário capaz de conciliar interesses e conflitos, demonstrado no ponto de vista dos acompanhantes que apontam o brincar terapêutico como uma forma de estabelecer uma relação de confiança³⁰. Entre as pesquisas realizadas com acompanhantes, foi relatado que a atividade lúdica dos palhaços contribuiu para diminuição do período de internação das crianças melhoras na aceitação aos procedimentos clínicos¹⁸. Outros estudos apontam que a interação com os palhaços tem efeito positivo no enfrentamento da doença³⁰.

Em pesquisa realizada com pais de crianças hospitalizadas, ao serem questionados sobre o estado emocional de seus filhos apontaram melhora de humor destes após a visita dos palhaços ^{12,27}. Em outros dois estudos, as mães das crianças internadas foram entrevistadas e relataram que a atividade recreativa distrai os filhos, facilita a comunicação entre a criança e a equipe de saúde e minimiza o estresse causado pela internação ^{27,31}. Destacou-se entre os benefícios da atividade lúdica, a alegria e a socialização, levando em conta a necessidade que a criança possui de se relacionar e o humor como uma estratégia de fortalecer a tolerância ao stress ^{32, 26}.

São vários os relatos registrados de acompanhantes:

“O Breno gosta de você. Ele está mais solto. Até falou com você hoje. Brincar é bom porque aí ele não pensa que no hospital é só remédio” (Diálogo entre Aline - mãe de Breno, 4 anos, e a pesquisadora)⁹.

“A gente fica mais alegre. Tem mais vontade de cuidar deles [das crianças]” (E-13 Mãe)³⁰

“Descontraí, tira um pouco do sofrimento, elas ficam alegres porque ninguém aguenta ficar na agulha¹⁸.

[...] a mãe, soridente, diz: ela gosta daquela [musica] dos Polegares e canta com o grupo. Criança começa a sorrir e a movimentar os dedos(O.11,A)³¹.

A aproximação de acompanhantes e crianças hospitalizadas mobiliza muitos sentimentos, entre eles a solidariedade, a compaixão, a compreensão, entre outros, o que pode causar uma situação vulnerável⁹. Os profissionais recreacionistas estariam inseridos nesse contexto como medidores de um momento de bem estar e superação com as crianças hospitalizadas e com a família¹⁰.

3.3 A visão dos profissionais de saúde em relação às atividades dos palhaços hospitalares

Os profissionais de saúde que atuam em hospitais possuem um intenso contato com doenças, sofrimento, angústia e morte. As ações dos profissionais recreativos buscam também proporcionar alegria e descontração aos membros da equipe de saúde¹⁰. Dos projetos e intervenções artísticas dos Doutores da Alegria, 17,8% estão voltadas para profissionais de saúde²³.

Nas 15 crianças observadas por Mussa, 7 foram acompanhadas pelos profissionais de saúde antes e após a intervenção lúdica. Destas, 5 crianças aceitaram os procedimentos médicos tanto antes quando após a visita dos contadores de história e ainda, as 2 que antes reclamavam e choravam aceitaram calmamente os procedimentos²⁷.

Uma pesquisa apresentada no Hospital Universitário Alcides Carneiro de Campina Grande com 11 profissionais de saúde, sendo quatro técnicos de enfermagem, dois enfermeiros e cinco médicos, entre eles 07 afirmam que o trabalho de forma lúdica conseguiu diminuir o período de internação e todos os entrevistados recomendariam este tipo de trabalho para outras instituições que prestam assistência a criança³³.

Os profissionais da equipe de saúde tem buscado compreender o humano que há naquele ser, para assim ser despertado além da competência profissional, buscando então, sensibilidade e acolhimento³⁴.

Ao entrevistar 10 membros da equipe de enfermagem, que atuam em diferentes unidades de um hospital pediátrico do Rio de Janeiro, seguem os depoimentos sobre a atuação lúdica em relação às crianças hospitalares:

*No geral, elas dão boas risadas e se descontraem
Bastante... Assim, é muito mais fácil chegar perto depois que eles
Vão embora.. elas ficam mais relaxadas com e gente
(C- Técnico de Enfermagem)¹⁰.*

*Eles ficam bastante tempo brincando aqui com as
Crianças, mas não atrapalham não, o nosso trabalho
não. Pelo contrario
(J Auxiliar de Enfermagem)¹⁰.*

*Eu acho muito bom, porque eles trazem alegria tanto
para as crianças quanto para mães, que ficam aqui
dentro fechadas...Para nós é diferente, viemos aqui,
trabalhamos 12 horas e vamos embora.. Elas não,
são todos os dias, 24 horas aqui dentro
(J- Auxiliar de enfermagem)¹⁰.*

Outro trabalho apresentou a entrevista de 20 profissionais de saúde em três hospitais universitários da Suécia, relatando o respeito, a forma como as crianças são ouvidas e vistas, o carinho e alegria com que são tratadas. Uma expressão usada pela equipe de saúde foi “lugar de refúgio”, para expressar os momentos de relaxamento com os Doutores da Alegria³⁵.

Outra pesquisa nos EUA mostrou através de um questionário respondido por 143 funcionários do Hospital que 76% acreditavam que os palhaços faziam parte da equipe de saúde e que 93% consideravam o programa de palhaços um benefício para o hospital¹².

Aos entrevistar 33 profissionais de saúde, durante uma pesquisa no Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, concluiu-se que diante dos benefícios da intervenção lúdica no hospital se faz necessário resignificar o modelo tradicional de intervenção e cuidado de crianças hospitalizadas. Notou-se também ao entrevistar enfermeiras e técnicas de enfermagem no Hospital de Montes Claros em Minas Gerais, que o brinquedo terapêutico deve fazer parte da rotina pediátrica, pois promove um atendimento mais eficaz e de qualidade de vida para as crianças hospitalizadas^{8, 36}.

4. METODOLOGIA

Após um estudo com abordagem qualitativa, onde a coleta de dados através de uma vasta pesquisa bibliográfica reuniu diversos artigos relacionados ao assunto, publicados em português e inglês, entre os anos de 2004 e 2013 optou-se em incluir a participação de 10 profissionais da equipe Esparatrapos de Palhaços Hospitalares, 10 Acompanhantes de crianças hospitalizadas e 27 profissionais de saúde (6 médicos, 1 fisioterapeuta, 7 enfermeiras, 3 técnicas de enfermagem e 10 auxiliares de enfermagem) atuantes no Hospital Sepaco na Cidade de São Paulo. O instrumento de pesquisa foi um questionário semi-estruturado (ANEXO 1) composto por nove perguntas alternativas e uma pergunta aberta, sobre o impacto da atuação dos palhaços terapêuticos em relação aos profissionais de saúde, acompanhantes e crianças hospitalizada. O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Unisa – Universidade de Santo Amaro (ANEXO 2).

A entrevista foi realizada no segundo semestre de 2014, mediante autorização concedida pelo Hospital Sepaco (ANEXO 3) e diante da concordância e anuência por parte dos entrevistados, após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), conforme recomendada a Resolução 196/96 Conselho Nacional de Saúde – Ética na Pesquisa Envolvendo Seres Humanos³⁷.

5. RESULTADOS

Os resultados obtidos através de um questionário realizado com um grupo de atores que atuam como palhaços terapêuticos, com profissionais de saúde e com os acompanhantes das crianças hospitalizadas que vivenciaram atividades lúdicas durante seu período de internação, estão apresentados em percentual para cada pergunta realizada e sua referida resposta.

Para a análise estatística foi aplicado o teste de quiquadrado para tabelas de contingência³⁸, com o objetivo de comparar os grupos de indivíduos que responderam aos questionários de avaliação da influencia lúdica em relação às condições física, psicológicas e sociais das crianças estudadas. Os grupos entrevistados em nenhuma das questões apresentaram diferenças estatisticamente significantes, quando comparados em relação à avaliação das crianças hospitalizada que passaram pela intervenção dos palhaços terapêuticos. Para visualização das respostas dispostas em figuras, as mesmas são apresentadas ao final deste trabalho como ANEXO 4.

5.1 Respostas dadas por profissionais de saúde; acompanhantes de crianças hospitalizadas e palhaços terapêuticos em relação à influência da atuação lúdica dos palhaços terapêuticos em crianças hospitalizadas.

Tabela 1: Relação entre os palhaços hospitalares e os acompanhantes das crianças hospitalizadas?

Entrevistados	Ótima		Boa		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	15	53,6	12	63,2	27	57,4
Acompanhantes	05	17,8	05	26,3	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	08	28,6	02	10,5	10	21,3
Total	28	100	19	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 2,29$ ($p = 0,3176$)

Ao avaliar a relação dos palhaços terapêuticos com os acompanhantes das crianças hospitalizadas a grande maioria dos entrevistados 59,6% (28 pessoas)

apontou como sendo ótima e 40,4% (19 pessoas) apontou a relação como sendo boa, a opção ruim não foi apontada por nenhum dos entrevistados.

Entre os entrevistados, tanto profissionais de saúde quanto palhaços terapêuticos apresentaram maior porcentagem ao apontar a alternativa ótima em relação ao relacionamento dos palhaços com os acompanhantes, quanto os acompanhantes ficaram divididos em 50% (5 pessoas) em ótimo e 50% (5 pessoas) em boa.

Tabela 2: Relação entre os Palhaços Hospitalares e os profissionais de saúde que cuidam das crianças hospitalizadas?

Entrevistados	Ótima		Boa		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	14	70	13	48,2	27	57,4
Acompanhantes	02	10	08	29,6	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	04	20	06	22,3	10	21,3
Total	20	100	27	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 3,06$ ($=0,2163$)

Ao avaliar a relação dos palhaços terapêuticos com os profissionais de saúde que atendem das crianças hospitalizadas a grande maioria dos entrevistados 57,4% (27 pessoas) apontou como sendo boa e 42,6% (20 pessoas) apontou a relação como sendo ótima, a opção ruim não foi apontada por nenhum dos entrevistados.

Entre os entrevistados, somente os profissionais de saúde em sua maioria apontaram que sua relação com os palhaços terapêuticos é ótima, acompanhantes e palhaços terapêuticos ao avaliar essa relação acreditam que a relação é boa.

Tabela 3: A atuação dos Palhaços Hospitalares fortalece a relação de apoio entre os acompanhantes e a criança hospitalizada?

Entrevistados	Sempre		Por Vezes		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	20	52,6	07	77,8	27	57,4
Acompanhantes	09	23,7	01	11,1	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	09	23,7	01	11,1	10	21,3
Total	38	100	09	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 1,88$ ($p=0,3902$)

Ao analisar as respostas apresentadas pelos entrevistados quanto a avaliação se a atividade lúdica exercida pelos palhaços terapêuticos fortalece a relação de apoio entre a criança hospitalizada e os acompanhantes, constatou-se que para 80,8% (38 pessoas), essa relação sempre é fortalecida, enquanto para 19,2% (9 pessoas), por vezes essa relação é fortalecida, nenhum dos entrevistados apontou a opção nunca.

Em todas as classes de entrevistados foram apresentados significante porcentagem maior para a opção sempre em relação ao fortalecimento do apoio entre o acompanhante e a criança hospitalizada.

Tabela 4: A atuação dos Palhaços Hospitalares fortalece a relação da criança com os profissionais de saúde?

Entrevistados	Sempre		Por Vezes		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	15	46,9	12	80	27	57,4
Acompanhantes	08	25	02	13,3	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	09	28,1	01	6,7	10	21,3
Total	32	100	15	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 4,81$ ($p=0,0901$)

Ao analisar as respostas apresentadas pelos entrevistados quanto a avaliação se a atividade lúdica exercida pelos palhaços terapêuticos fortalece a relação de apoio entre a criança hospitalizada e os profissionais de saúde,

constatou-se que para 68,1% (32 pessoas), essa relação sempre é fortalecida, enquanto para 31,9% (15 pessoas), por vezes essa relação é fortalecida, nenhum dos entrevistados apontou a opção nunca.

Em todas as classes de entrevistados foram apresentados significante porcentagem maior para a opção sempre em relação ao fortalecimento do apoio entre o profissional de saúde e a criança hospitalizada.

Tabela 5: Os Palhaços Hospitalares exercem influência sobre os acompanhantes das crianças hospitalizadas?

Entrevistados	Exercem		Não Exercem		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	27	60	00	0	27	57,4
Acompanhantes	09	20	01	50	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	09	20	01	50	10	21,3
Total	45	100	02	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 2,82$ ($p = 0,2441$)

Ao ser perguntado aos entrevistados se a atuação dos palhaços terapêuticos exercia influência sobre os acompanhantes das crianças hospitalizadas, a grande maioria respondeu que sim 95,7%(45 pessoas) e 4,3 (2 pessoas) responderam que não.

Em todas as classes de entrevistados foram apontados em maioria a visão de que a atuação dos palhaços terapêuticos exercem influencia sobre os acompanhantes das crianças hospitalizadas. Os profissionais de saúde apresentaram uma porcentagem de influencia significativa, onde todos apontaram como exercem, sendo 60% dos total em relação aos acompanhantes e dos palhaços terapêuticos.

Tabela 6: Os Palhaços Hospitalares exercem influencia sobre os profissionais de saúde que cuidam das crianças hospitalizadas?

Entrevistados	Exercem		Não Exercem		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	25	59,5	02	40	27	57,4
Acompanhantes	09	21,4	01	20	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	08	19,1	02	40	10	21,3
Total	42	100	05	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 1,22$ (0,5426)

Ao ser perguntado aos entrevistados se a atuação dos palhaços terapêuticos exercia influência sobre os profissionais de saúde que cuidam das crianças hospitalizadas, a grande maioria respondeu que sim 89,4%(42 pessoas) e 10,6% (5 pessoas) responderam que não.

Em todas as classes de entrevistados foram apontados em maioria a visão de que a atuação dos palhaços terapêuticos exercem influencia sobre os profissionais de saúde que atuam com as crianças que passaram pela atividade lúdica dos palhaços terapêuticos.

Tabela 7: Após a atuação podemos ver melhores aspectos fisiológicos da criança (aumento apetite, diminuição da dor, febre ou enjôo)

Entrevistados	Sempre		Por Vezes		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	16	64	11	50	27	57,4
Acompanhantes	05	20	05	22,7	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	04	16	06	27,3	10	21,3
Total	25	100	22	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 1,14$ (p=0,5658)

Segundo os entrevistados ao verificar os efeitos da atuação dos palhaços terapêuticos em relação aos aspectos fisiológicos, como aumento de apetite, diminuição da dor, febre e enjoo, para 53,2% (25 pessoas) a melhora das crianças acontece sempre que passam pela atividade com os palhaços terapêuticos e para 46,8% (22 pessoas), a melhora acontece por vezes, a opção nunca acontecem melhoras não recebeu voto de nenhum entrevistado.

Os profissionais de saúde ao apontaram em sua maioria a alternativa sempre mostraram uma porcentagem significativa (64%) em relação aos dos acompanhantes e palhaços terapêuticos. Os acompanhantes estiveram divididos em 50% com a alternativa sempre e 50% com a alternativa por vezes, enquanto os palhaços terapêuticos acreditam em sua maioria que por vezes (60%) sua atuação possibilita melhoras físicas nas crianças e a porcentagem menor (40%) apontaram que sempre exercem melhoras.

Tabela 8: Após a atuação podemos ver melhores aspectos psicológicos da criança (Diminuição do stress, tensão, medo, ansiedade)?

Entrevistados	Sempre		Por Vezes		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	20	52,6	07	77,8	27	57,4
Acompanhantes	08	21,1	02	22,9	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	10	26,3	00	00	10	21,3
Total	38	100	09	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 3,17$ (p=0,2045)

Segundo os entrevistados ao verificar os efeitos da atuação dos palhaços terapêuticos em relação aos aspectos psicológicos, como diminuição do stress, tensão, medo e ansiedade, para 80,9% (38 pessoas) a melhora das crianças acontece sempre que passam pela atividade com os palhaços terapêuticos e para 19,1% (09 pessoas), a melhora acontece por vezes, a opção nunca acontecem melhoras não recebeu voto de nenhum entrevistado.

Em relação aos aspectos psicológicos todas as classes apontaram em sua maioria que sempre a atuação dos palhaços terapêuticos exerce melhoras, recendo destaque para os palhaços terapêuticos, onde 100% acredita que sempre exerce,

enquanto a opção sempre foi apontada por 80% dos acompanhantes e 74% dos profissionais de saúde.

Tabela 9: Após a atuação podemos ver melhores aspectos sociais da criança (relacionamento com outras crianças hospitalizadas, com os profissionais de saúde ou com o acompanhante)?

Entrevistados	Sempre		Por Vezes		Total	
	N	%	N	%	N	%
Profissionais de Saúde	17	51,6	10	71,4	27	57,4
Acompanhantes	08	24,2	02	14,3	10	21,3
Palhaços Terapêuticos	08	24,2	02	14,3	10	21,3
Total	33	100	14	100	47	100

N = número de participantes; Teste de Quiquadrado $X^2 = 1,6$ ($p=0,4506$)

Segundo os entrevistados ao verificar os efeitos da atuação dos palhaços terapêuticos em relação aos aspectos sociais, melhora do relacionamento com outras crianças, com profissionais de saúde e acompanhante para 70,2% (33 pessoas) a melhora das crianças acontece sempre que passam pela atividade com os palhaços terapêuticos e para 29,8% (14 pessoas), a melhora acontece por vezes, a opção nunca acontecem melhoras não recebeu voto de nenhum entrevistado.

Todas as classes de entrevistados apontaram em sua maioria que sempre a atuação dos palhaços terapêuticos exerce melhoras nos aspectos sociais da criança hospitalizadas, sendo a opção sempre apresentada por 62,9% dos profissionais de saúde e 80% tanto dos acompanhantes quanto dos palhaços terapêuticos.

Ao final do questionário, foi incluída uma pergunta livre para que um depoimento ou experiência vivenciada pelos Profissionais de Saúde, Acompanhantes ou Palhaços Terapêuticos pudesse ser descrita. A seguir estão listadas três experiências vivenciadas no ambiente hospitalar com as crianças durante o período desta pesquisa.

Em um Plantão em que o setor estava cheio e os profissionais estavam tensos com fatores referentes ao estado clínico de um paciente, um palhaço abordou a chefe da equipe médica e realizou brincadeiras com a mesma, fato em que causou muitas

risadas entre todos da equipe. O Clima ficou mais “leve” e o acontecido foi comentado ao decorrer do dia causando novas risadas cada vez que foi comentado.

Profissional de Saúde

A primeira visita dos palhaços hospitalares ao meu filho foi em um momento bastante difícil, pois havia passado por exames complexos. Percebemos que após esta experiência ele ficou recordando os momentos engraçados e não mais as dores que havia passado com os exames. Percebemos ainda que ele pede frequentemente para ver as fotos tiradas com os palhaços para poder rir novamente.

Acompanhante

Visitávamos uma criança que estava em coma, R, de 7 anos. Durante 8 meses, a mesma história, ela deitada “dormindo” e nós a visitando, contando a nossa rotina, cantando músicas, e elaboramos umas manchetes do hospital, que contávamos notícias bobas do cotidiano do hospital. Como ele estava na UTI, visitávamos o pai que sempre o acompanhava e criamos uma forte relação com ele, estávamos muito amigos e torcendo pela vida do filho. Um belo dia, entramos na UTI e para a nossa surpresa, o menino estava acordado, entubado, com traqueostomia que o impossibilitava de falar. Quando o vimos acordado tomamos um choque, ele nos observou e quando falamos um “bom dia”, o menino começou a chorar muito! Nós, sem saber o que fazer, ficamos olhando aquela cena e ficamos mudos, inertes, afinal, não sabíamos como nos relacionar com ele naquele novo estado. Com calma, nos aproximamos e vimos que não era um choro de medo, era um choro diferente.

O pai se aproximou e nos disse “fiquem tranquilos, ele só está relacionando as vozes com as pessoas que o visitaram durante esse tempo todo”. Emocionados, nos aproximamos e realizamos a visita. Ainda ficamos visitando o R, durante um ano e meio, quando ele teve alta e foi liberado do hospital.

Palhaços Terapêuticos

6. DISCUSSÃO

A importância do brincar na situação hospitalar ganhou relevância principalmente a partir do trabalho do médico Patch Adams (1999), nos Estados Unidos da América, cuja história pessoal foi popularizada através de filme³⁹. O brincar na instituição hospitalar vem ocupando um espaço significativo trazendo questões relacionadas à sua importância no processo de humanização hospitalar, tanto no exterior como no Brasil. O brinquedo utilizado de forma específica, por meio do palhaço, tem função de alegrar o ambiente e amenizar as sensações desagradáveis da hospitalização².

O impacto sobre a dinâmica familiar quando uma criança é hospitalizada, é um fato real causando em seus acompanhantes a vivência de tensões, ansiedade e incertezas. As respostas conferidas às perguntas de número 1 e 5 que se referem ao relacionamento dos palhaços com os acompanhantes, tiveram respostas de acordo com o observado na literatura revelando que os profissionais de saúde e os palhaços concordam que estes últimos possuem uma ótima relação com os acompanhantes exercendo influência sobre estes^{31,33}. Com relação à pergunta 3, esta boa relação vem exercer influência também sobre a criança tornando a brincadeira um apoio à família, fortalecendo a relação fragilizada pela doença. Desta forma percebe-se a grande aceitação dos palhaços por parte dos acompanhantes no ambiente hospitalar.

Com relação aos profissionais da saúde, diversos trabalhos têm relatado, que o brinquedo terapêutico deve fazer parte da rotina pediátrica, pois promove um atendimento mais eficaz e de qualidade de vida para as crianças hospitalizadas^{8,36}. Ao apresentar a entrevista e os mesmos questionamentos em relação aos profissionais de saúde, observou-se que a sua relação com os palhaços terapêuticos é ótima e estes também concordam sobre a influência dos palhaços terapêuticos seja para criança hospitalizada ou para eles como equipe. Constatou-se ainda através das respostas que o seu relacionamento com a criança hospitalizada é fortalecido pela atuação dos palhaços terapêuticos, podendo amenizar a ansiedade durante alguns procedimentos terapêuticos. De acordo com Motta e Enumo, o brincar pode ter uma aplicação que é preferível chamar de técnica no lugar de

terapêutica quando, por exemplo, refere-se a ajudá-la na compreensão e na adaptação mais adequada ao procedimento médico invasivo.

Através do brincar, a criança pode se expressar melhor, assim como demonstrar os seus sentimentos e resgatar a si mesma e expressar suas necessidades intrínsecas para seu desenvolvimento global²⁸. O período em está hospitalizado não deve parar esse ciclo de desenvolvimento³³.

Diversos estudos têm demonstrado um impacto positivo das atividades dos palhaços hospitalares sobre os *aspectos psicológicos e fisiológicos* das crianças hospitalizadas (22,29,34). A pergunta 7, que buscou a opinião dos palhaços, acompanhantes e profissionais de saúde em relação a melhora dos aspectos fisiológicos da criança hospitalizada teve dos profissionais da saúde, que avaliam esse aspecto constantemente o relato de que sempre existem melhoras. Na visão dos palhaços terapêuticos e dos acompanhantes em sua maioria foi apontado que por vezes foi apresentado melhoras, fato que talvez tenha ocorrido por ambos não estarem acompanhando diretamente os aspectos fisiológicos do paciente.

Em relação aos aspectos psicológicos e sociais levantados nas perguntas 8 e 9, a intervenção lúdica mostrou efeitos benéficos para criança como melhora do humor, a criação de um ambiente de satisfação e motivação para enfrentamento da doença, aliviando o sofrimento da rotina hospitalar, seja através da utilização do teatro de Clown, de contadores de história, empréstimo de brinquedos ou acesso a brinquedoteca. Tais colocações estão em concordância com dados da literatura que diante dos efeitos positivos das técnicas lúdicas sobre os aspectos físicos e psicológicos da criança considera indispensável aos profissionais de saúde aplicarem e adotarem a terapia do humor no convívio com seus pacientes e o trato com seus acompanhantes^{40,41}.

Ao avaliar as respostas apresentadas na pergunta 9 percebemos que 60% dos palhaços terapêuticos acreditam que por vezes acontecem melhoras das criança nos aspectos social, sendo diferente das respostas apresentadas pelos profissionais de saúde e acompanhantes, mostrando que os palhaços terapêuticos não possui dimensão dos efeitos da atividade por eles realizadas.

Segundo Low, há benefícios e aumento de interação positiva a partir do sorriso e deve-se considerar de forma sistemática a introdução da terapia do humor⁴².

Em síntese o acesso à atividade lúdica exerce influência positiva sobre as crianças hospitalizadas, sobre seus acompanhantes, sobre os profissionais de saúde, melhorando o atendimento, possibilitando o desenvolvimento da criança e facilitando a adaptação às condições do doente e do ambiente hospitalar.

Em meio a tais afirmações nos resta uma pergunta, se nos é comprovado a influencia da atividade lúdica nas crianças hospitalizadas, o que falta para termos em nossos hospitais profissionais contratados e devidamente remunerados para essa atuação? Ou no mais possibilitar aos cursos de graduação na área de saúde, matérias relacionadas à recreação para melhor capacitar os profissionais para a utilização de procedimentos recreativos. Tendo em vista que tais intervenções podem influenciar no desfecho de um tratamento, que possibilita a vida ou a morte, levando em conta apenas o exemplo da melhora de apetite, que tem significativa relevância para vários tratamentos.

Linge ao realizar uma pesquisa com famílias no Sul e no Centro da Suécia que tinham tido oportunidade de participar da intervenção oferecida pelos Doutores da Alegria, concluiu a importância de considerar características que podem exercer influência sobre os resultados da intervenção, como idade, diagnósticos, desenvolvimento da maturidade e a relação entre o palhaço e a criança⁴³. Levando em conta tal afirmação, deve haver aos promotores de atividade lúdica condições para melhor desenvolver sua pratica.

A intervenção não deve ser apenas uma pratica voluntária, como vista na equipe Esparatrapo a qual participou das entrevistas, sendo cada um profissional devidamente qualificado e que não recebe qualquer ajuda de custo, tirando do seu tempo disponível, horas para se dedicar unicamente por iniciativa própria. São poucos os que à grande custo recebe o devido mérito, cada profissional deve ter o seu lugar e o recreacionista não deve ser diferente, é necessário um novo investimento, a mudança possibilitará uma pratica mais humanizada e com melhores resultados na condição das crianças hospitalizada.

7. CONCLUSÃO

Segundo a bibliografia pesquisada, tanto para os acompanhantes como para os profissionais de saúde, o acesso das crianças à atividade lúdica contribui para diminuição do stress, aumenta a interação e oferece um ambiente de apoio, tendo por consequência uma melhor aceitação dos procedimentos clínicos e enfrentamento da doença pela criança hospitalizada. As pesquisas mostraram ainda melhoras significativas nos aspectos psicológicos e fisiológicos das crianças diminuindo o impacto causado pelo processo de hospitalização e possibilitando uma melhor evolução clínica.

As respostas obtidas neste trabalho apresentaram-se em concordância com a literatura pesquisada e permitem concluir que a atividade lúdica realizada pelos palhaços hospitalares exerce influência sobre os acompanhantes e profissionais de saúde fortalecendo a relação destes com a criança hospitalizada. Com relação aos aspectos psicológicos e sociais a entrevista mostrou que sempre ou frequentemente existe uma melhora, e referente aos aspectos fisiológicos foi relatado que a melhora acontece frequentemente ou por vezes.

Conclui-se que a intervenção lúdica através de palhaços hospitalares constitui uma atividade benéfica em crianças hospitalizadas melhorando o processo de adaptação, recuperação e enfrentamento da doença, que aliado ao baixo custo e facilidade de realização, deve ser implantado como rotina em hospitais ou setores pediátricos.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cordazzo STD e Vieira Mauro. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estudos e pesquisas em Psicologia*. UERJ, 2007; 7(1):89-101.
2. Motta AB e Enumo SRF. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, 2004;9(1);19-28.
3. Oliveira LDB, et al. A brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 2009;19(2);306-312.
4. Abraão RK. Quando a Alegria Supera a Dor: jogos e Brinquedos na Recreação Hospitalar. *Atos de Pesquisa em Educação*, 2013;8(1);434-464.
5. Weber FS. A influência da atividade lúdica sobre a ansiedade da criança durante o período pré-operatório no centro cirúrgico ambulatorial. *J. Pediatr*, 2010;86(3);209-214.
6. Calvatt PÜ; Silva LM e Gauer GJC. Psicologia da saúde e criança hospitalizada. *Psic*, 2008;9(2);229-234.
7. Frota MA, et al. O Lúdico como Instrumento Facilitador na Humanização do Cuidado de Crianças Hospitalizadas. *Cogitare Enfermagem*, 2007;12(1);68-75.
8. Mitre RMA e Gomes R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, 2004;9(1);147-154.
9. Melo LL e Valle ERM. A Brinquedoteca como possibilidade para desvelar o cotidiano da criança com câncer em tratamento ambulatorial. *Rev. Escola de Enfermagem USP*, 2010;44(2);517-525.
10. Oliveira RR e Oliveira ICS. Os Doutores da Alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem. *Esc. Anna Nery*, 2008;12(2);230-236.
11. Lemos AC e Silva NCG. A função terapêutica da arte de contar histórias. *Intersemiose Revista Digital*, 2012;1(1);7-23.
12. Koller D & Gryski C. The life threatened child and the life enhancing clown: Towards a model of therapeutic Clowning. *Journal of Evidence Based Practice in Complementary and Alternative Medicine*, 2008;5(1);17-25.

13. Silva DF e Corrêa I. Reflexão sobre as vantagens, desvantagens e dificuldades do brincar no ambiente hospitalar. *Revista Mineira de Enfermagem*, 2010;14(1);37-42.
14. Abreu SAK e Fagundes EM. Brinquedoteca hospitalar: sua influência na recuperação da criança hospitalizada. *Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*. 2010;2(1); 32-49.
15. BRASIL. Lei nº 11. 104, de 21 de março de 2005. Disponível em:< [www.planalto.gov. br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm)>. Acesso em: 15 jul. 2014.
16. Silva AC, ET al. Brinquedoteca: Obrigatoriedade em hospitais que oferecem internação pediátrica. *Anais da XV Semana Acadêmica de Ensino, Pesquisa e Extensão A Universidade e suas Práticas no Contexto Regional: Construindo Diálogos*, 2010;5-13.
17. Silva SMM. Atividades lúdicas de crianças hospitalizadas por câncer: o olhar dos profissionais e das voluntárias. In: Bomtempo, E.; Antunha, E. G. & Oliveira, V. B. (orgs.). *Brincando na escola, no hospital, na rua...* Rio de Janeiro: Wak Ed.2006;127-142.
18. Azevedo DM, et al. O brincar enquanto instrumento terapêutico: opinião dos acompanhantes. *Rev Eletrônica Enfermagem*. 2008;10 (1);137-144.
19. SILVA, Alinne Cristina Marques da SILVA, Maria Aparecida da. As contribuições da arte lúdica do restabelecimento da saúde humana. Goiânia. 2012;39(4)469-480.
20. Macedo, ACL, et al. Produção científica no Brasil a respeito da brinquedoteca/brinquedoterapia em periódicos publicados no período de 1996 a 2012. *Revista Eletronica Gestão & Saúde*, 2013;4(2)467-481.
21. Fortuna TR. Brincar, viver e aprender: Educação e Ludicidade no hospital. In: VIEGAS, Dráuzio. (org.). *Brinquedoteca hospitalar: Isto é humanização*. Rio de Janeiro: WAK, 2007, p.37.
22. Jansen MF, Santos RM e Favero L. Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. *Rev. Gaúcha de enfermagem*, 2010;31(2)247-253.
23. Masetti M. Palhaços em hospitais – Brasil. *Pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Doutores da Alegria*. São Paulo, 2003.

24. Kiche MT e Almeida FA. Brinquedo Terapêutico: estratégia de alívio da dor e tensão durante a curativo cirúrgico em crianças. *Acta Paul Enferm.* 2009;22(2)125-130.
25. Ballone GJ - O impacto do (bom) humor sobre o estresse e a saúde, in. PsiqWeb, Internet, disponível em: <http://gballone.sites.uol.com.br/psicossomatica/bomhumor.html>>2003 Acesso em 25 de Março de 2015
26. Oliveira AAP, Paiva DR e Chiessa AM, Clown Theatre on Hospitalized Children: literature review/Teatro Clown e Hospitalização Infantil: revisão da literatura. *Revista de Enfermagem da UFPI.* 2014;2(5)96-101.
27. Mussa C e Malerbi FEK, O impacto da atividade lúdica sobre o bem-estar de crianças hospitalizadas. *Psicologia: Teoria e Prática.*, 2008;10(1);83-93.
28. Bertini M, Isola E, Paolone G and Curcio G. Clowns benefit children hospitalized for respiratory pathologies. *eCAM* 2010.
29. Kohlsdorf M. Aspectos psicossociais no câncer pediátrico: estudo sobre literatura brasileira publicada entre 2000 e 2009. *Psicol. rev.*, 2010;16(2) 271-294
30. Araujo TCC e Guimarães TB. Interações entre voluntários e usuários em oncohematologia pediátrica: um estudo sobre os “palhaços-doutores”. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, 2009;9(3)632-647.
31. Lima RAG, et al. A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. *Rev Esc Enferm USP.* 2009;43(1)186-93.
32. Borges EP; Nascimento MDSB e Silva SMM. Benefícios das atividades lúdicas na recuperação de crianças com câncer. *Boletim Academico Paulista de Psicologia*, 2013;2;(8)211-221.
33. Simpson CA, et al. O brincar como instrumento terapêutico na visão da equipe de saúde. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 2008;6(3)335-341.
34. Wegner WP, Eva NR. Concepções de saúde sob a ótica de mulheres cuidadoras leigas, acompanhantes de crianças hospitalizadas. *Revis.Latino-americana de Enfermagem*, 2009;17(1)88-93
35. Linge L. Joy without demands: Hospital clowns in the world of ailing children. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being.* 2011;6(5899) doi: 10.3402/qhw.v6i1.5899.

36. Souza LPS, et al. O brinquedo terapêutico e o lúdico na visão da equipe de enfermagem. *J Health sci inst.* 2012;30(4)354-358.
37. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Res. CNS 196/96.
38. Siegel S. Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento. *Artmed*, Porto Alegre. 2006. 448p.
39. Adams P. When healing is more than simply clowning around. *Jama*, 1998 279 (5), 401.
40. Fassarella CS e Bueno AAB. A terapia do riso como uma alternativa terapêutica. *Revista Rede de Cuidados em Saúde*, 2012;6(2)1-9.
41. Dantas FRA, et al. A Contribuição do Lazer no Processo de Hospitalização: Um Estudo de Caso sobre os Benefícios do Projeto Risoterapia. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 2014;17(2)53-85.
42. Low L, et al. (2013). The Sydney Multisite Intervention of LaughterBosses and ElderClowns (SMILE) study: cluster randomised trial of humour therapy in nursing homes. *BMJ Open*. 3, pii: e002072. doi:10.1136/bmjopen-2012-002072.
43. Linge L. Magical attachment: Children in magical relations with hospital clowns. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*. 2012. ;7:11862.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO SOBRE A ATUAÇÃO DOS PALHAÇOS HOSPITALARES EM RELAÇÃO ÀOS ACOMPANHANTES, PROFISSIONAIS DE SAÚDE E CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Este questionário tem por objetivo conhecer a sua opinião em relação aos benefícios da atuação dos Palhaços Hospitalares.

Não há respostas certas e nem erradas, pedimos apenas que seja o mais sincero possível. A informação que nos der vai ajudar a melhorar a qualidade do atendimento das crianças hospitalizadas e avaliar a influencia da intervenção lúdica e assim garantir um melhor serviço no atendimento hospitalar.

A sua ajuda será preciosa

Data ____/____/____

Nome: _____ Idade ____

Sexo _____

Formação _____ Estado

Civil _____

Com relação aos acompanhantes de crianças hospitalizadas que passaram pela intervenção lúdica dos Palhaços Hospitalares:

1. Como é a relação dos Palhaços Hospitalares e os Acompanhantes das crianças hospitalizadas?

() Ruim () Boa () Ótima

2. Como é a relação dos Palhaços Hospitalares e os profissionais de saúde que cuidam das crianças hospitalizadas?

() Ruim () Boa () Ótima

3. A atuação dos Palhaços Hospitalares fortalece a relação de apoio entre a acompanhante e a criança hospitalizada?

() Nunca () Por Vezes () Sempre

4. A Atuação dos Palhaços Hospitalares fortalece a relação da criança com os profissionais de saúde?

() Nunca () Por Vezes () Sempre

5. Os Palhaços Hospitalares exercem influência sobre os acompanhantes das crianças hospitalizadas?

() Exercem influência () Não Exercem influência

Com relação aos profissionais de saúde que atendem as crianças hospitalizadas que passaram pela intervenção dos Palhaços Hospitalares:

6. Os Palhaços Hospitalares exercem influencia sobre os profissionais de saúde que cuidam das crianças hospitalizadas?

(☐) Exercem influência (☐) Não Exercem influência

Com relação a influência que os Palhaços Hospitalares Exercem sobre a crianças Hospitalizadas

7. Após a atuação podemos ver melhores as aspectos fisiológicos da criança (Exemplo: aumento apetite, diminuição da dor, febre e enjôo e restabelecimento frequência cardíaca)?

(☐) Nunca (☐) Por Vezes (☐) Sempre

8. Após a atuação podemos ver melhores as aspectos psicológicos da criança (Exemplo: Diminuição do stress, tensão, medo, ansiedade)?

(☐) Nunca (☐) Por Vezes (☐) Sempre

9. Após a atuação podemos ver melhores as aspectos social da criança (Exemplo: melhora no relacionamento com outras crianças hospitalizadas, com os profissionais de saúde ou com o acompanhante)?

(☐) Nunca (☐) Por Vezes (☐) Sempre

10. Existe alguma experiência que considere interessante e poderia compartilhar?
Se possível nos relate:

ANEXO 2 – Parecer do CEP

UNIVERSIDADE DE SANTO
AMARO - UNISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Benefícios da Atividade Lúdica em crianças Hospitalizadas Analisadas a partir da Intervenção dos Doutores da Alegria

Pesquisador: Alex Santos de Oliveira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38248614.6.0000.0081

Instituição Proponente: Universidade de Santo Amaro - UNISA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 871.284

Data da Relatoria: 12/11/2014

Apresentação do Projeto:

A ideia principal do pesquisador é descrever o efeito terapêutico de intervenções lúdicas em crianças hospitalizadas por intermédio da realização de uma metanálise com artigos nacionais e internacionais sobre o tema).

Para complementar os resultados do trabalho, realizará uma entrevista com a equipe de uma Organização Não Governamental (ONG) que realiza esta atividade.

A metanálise buscará artigos de 2007 a 2013 nas bases de dados científicas com revistas indexadas (pubmed, scielo, lilacs).

O questionário (entrevista) será aplicado em 10 profissionais da ONG com perguntas referentes a influência de sua atuação nos acompanhantes das crianças; nos profissionais de saúde envolvidos na assistência a essa criança e; sua influência sobre as crianças.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever o efeito terapêutico das intervenções lúdicas em crianças hospitalizadas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Com relação à metanálise não há riscos.

Como benefício indireto, espera mostrar a importância do trabalho destes profissionais sobre o

Endereço: Rua Profª Enéas de Siqueira Neto, 340

Bairro: Jardim das Imbuías

UF: SP

Município: SÃO PAULO

CEP: 02.450-000

Telefone: (11)2141-8687

E-mail: pesquisaunisa@unisa.br

Continuação do Parecer: 071.204

estado e a recuperação da criança hospitalizada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma metanálise, o que por seu objetivo, já dispensaria análise por parte do Comitê de Ética em Pesquisa.

Como complementação do trabalho, será realizada uma entrevista com os profissionais da ONG, o que justifica a entrada para análise neste Comitê.

A hipótese do pesquisador é que a intervenção lúdica, em especial, destes profissionais, faça com que a criança apresente melhora física e social.

O propósito da entrevista, é verificar, sob o ponto de vista do profissional lúdico, o impacto dessa atuação junto aos sujeitos envolvidos no tratamento da criança (profissionais de saúde e acompanhantes) e da própria criança.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos necessários para a realização da pesquisa foram apresentados e estão descritos abaixo:

- Folha de rosto - de acordo e devidamente assinada.
- Declaração de co-participante apresentada, datada e carimbada com apresentação de CNPJ da Instituição.
- Questionário apresentado e sem identificação do sujeito.
- TCLE apresentado e de acordo com a resolução 466/12.
- Cronograma de acordo e com prazo para desenvolvimento da pesquisa.

Recomendações:

Buscar informações sobre o risco da pesquisa no Item V da Resolução CNS/MS 466/12.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Rua Prof Enéas de Siqueira Neto, 340

Bairro: Jardim das Imbuías

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)2141-8687

CEP: 02.450-000

E-mail: pesquisaunisa@unisa.br

ANEXO 3 – Carta de Autorização do Hospital SEPACO



CEDC 003 / 2015

São Paulo, 08 de janeiro de 2015.

Ao

Sr. ALEX SANTOS DE OLIVEIRA

Aluno do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde

C/c

Profª Drª PATRÍCIA COLOMBO DESOUZA

Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde

Universidade de Santo Amaro - UNISA

Profª Drª Maria Regina Andrade Azevedo

Orientadora

REF.: PROJETO "O BENEFÍCIO DA ATIVIDADE LÚDICA EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS"

Autorizamos o *Sr. Alex Santos de Oliveira*, a realizar coleta de dados com nossa equipe de profissionais de saúde, através de entrevistas e questionários, para desenvolvimento do Projeto "O Benefício da Atividade Lúdica em Crianças Hospitalizadas", baseado no trabalho de humanização realizado pelo Grupo Esparatrapos.

Solicitamos que ao final da pesquisa e publicação da mesma, nos seja enviado uma cópia para nossos arquivos.

Apresentando os protestos de elevada estima e distinta consideração, o Hospital SEPACO coloca-se à disposição de V. Sª para quaisquer outras informações que se fizerem necessárias.

Atenciosamente,

DR. LINUS PAULING FASCINA
SUPERINTENDENTE MÉDICO HOSPITALAR
CRM – SP Nº 60.529

Dr. Linus Pauling Fascina
Superintendente Médico Hospitalar
Diretor Técnico - CRM 60.529

ANEXO 4 – Figuras representativas das respostas do Questionário

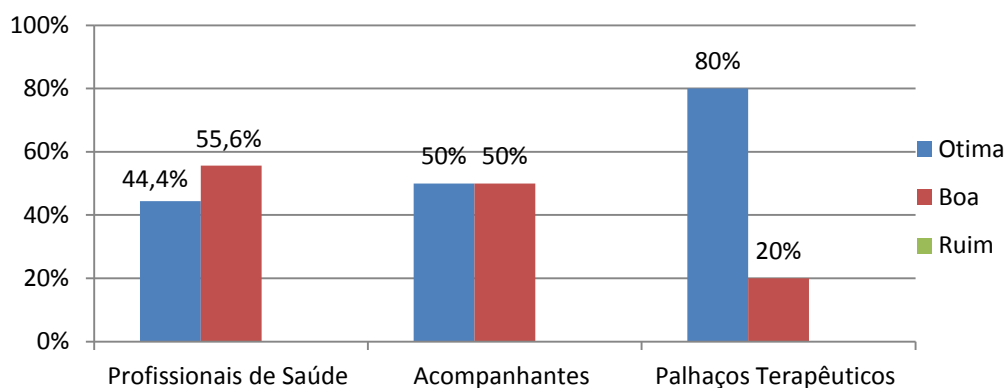


Figura 1: Respostas referentes à pergunta 1: Como é a relação entre os palhaços hospitalares e os acompanhantes das crianças hospitalizadas?

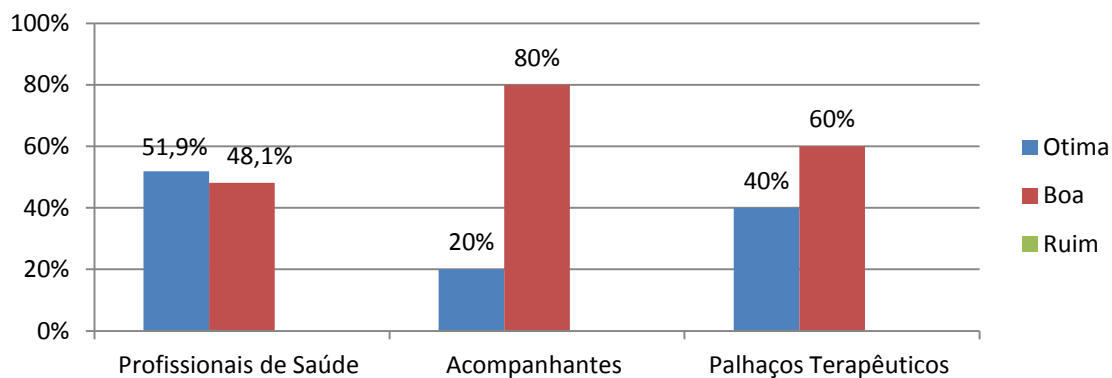


Figura 2: Respostas referentes à pergunta 2: Como é a relação entre os Palhaços Hospitalares e os profissionais de saúde que cuidam das crianças hospitalizadas?

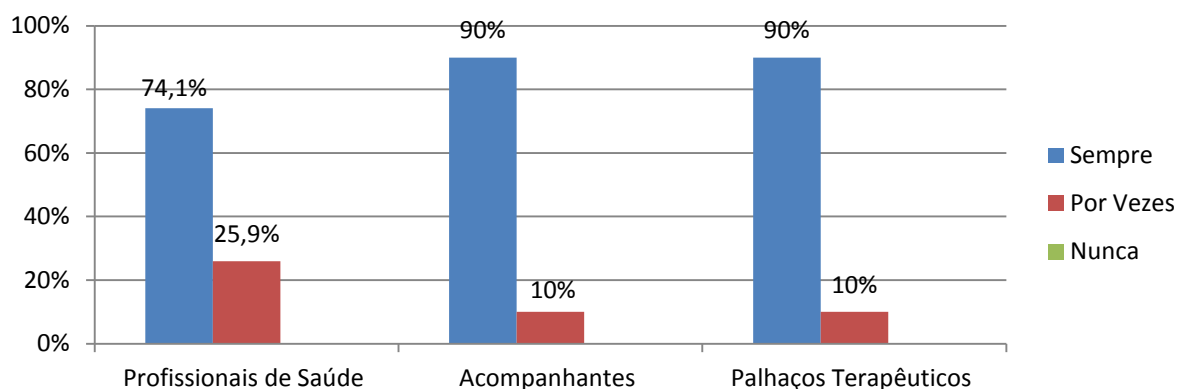


Figura 3: Respostas referentes à pergunta 3: A atuação dos Palhaços Hospitalares fortalece a relação de apoio entre os acompanhantes e a criança hospitalizada?

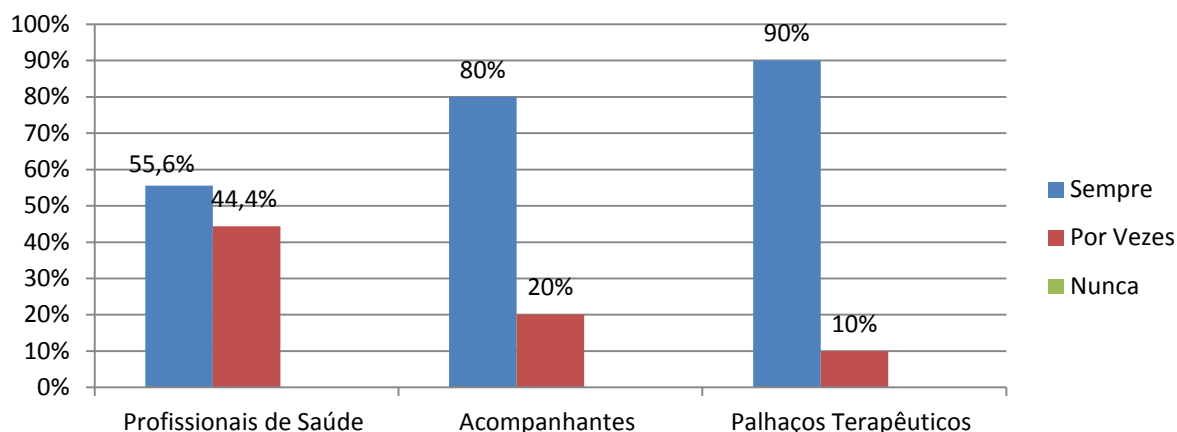


Figura 4: Respostas referentes à pergunta 4: A atuação dos Palhaços Hospitalares fortalece a relação da criança com os profissionais de saúde?

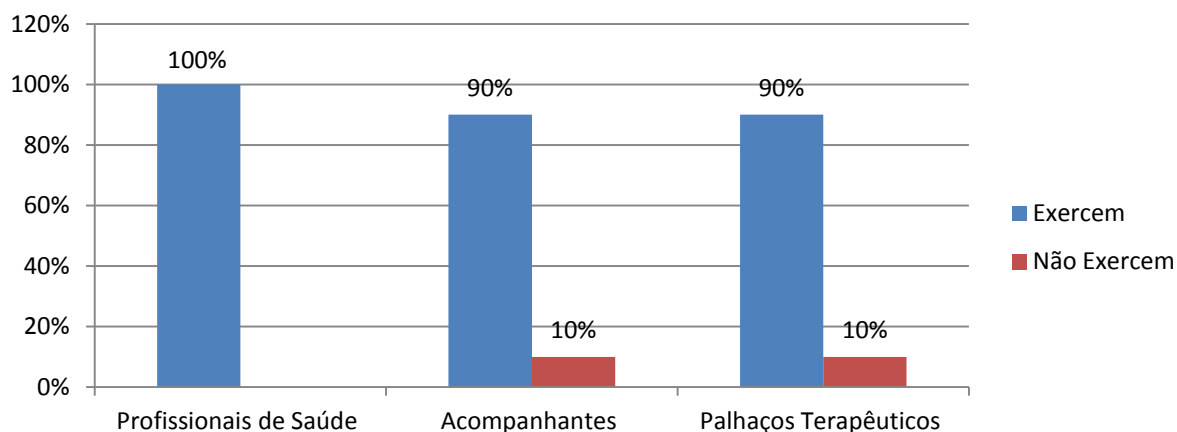


Figura 5: Respostas referentes à pergunta 5: Os Palhaços Hospitalares exercem influência sobre os acompanhantes das crianças hospitalizadas?

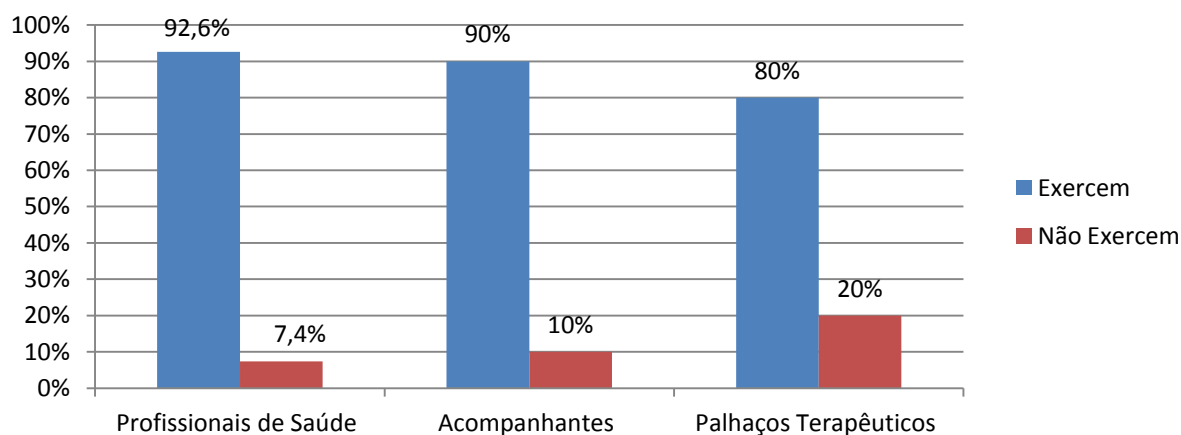


Figura 6: Respostas referentes à pergunta 6: Os Palhaços Hospitalares exercem influencia sobre os profissionais de saúde que cuidam das crianças hospitalizadas?

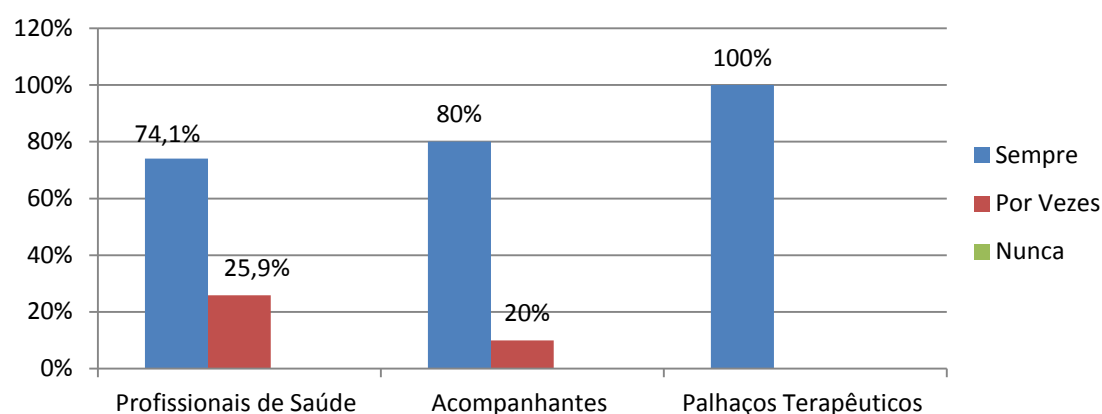


Figura 7: Respostas referentes à pergunta 7: Após a atuação podemos ver melhores as aspectos fisiológicos da criança (aumento apetite, diminuição da dor, febre ou enjôo)?

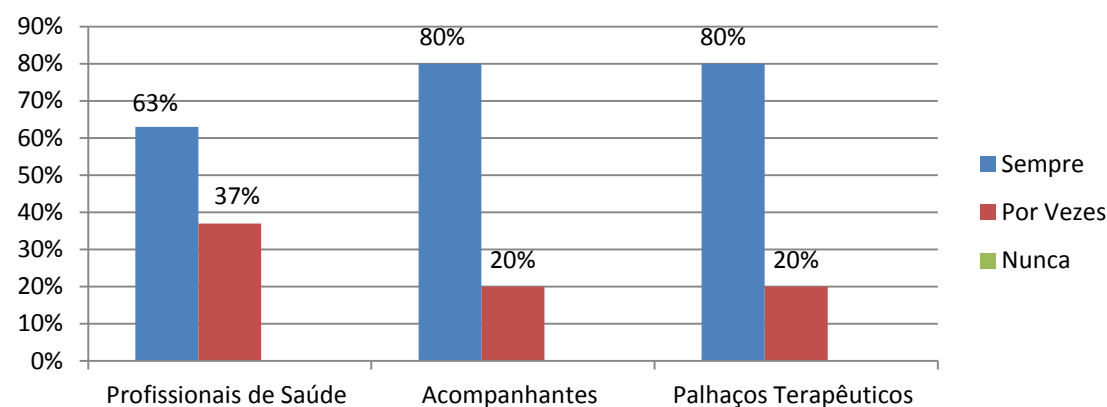


Figura 8: Respostas referentes à pergunta 8: Após a atuação podemos ver melhores as aspectos psicológicos da criança (Diminuição do stress, tensão, medo, ansiedade)?

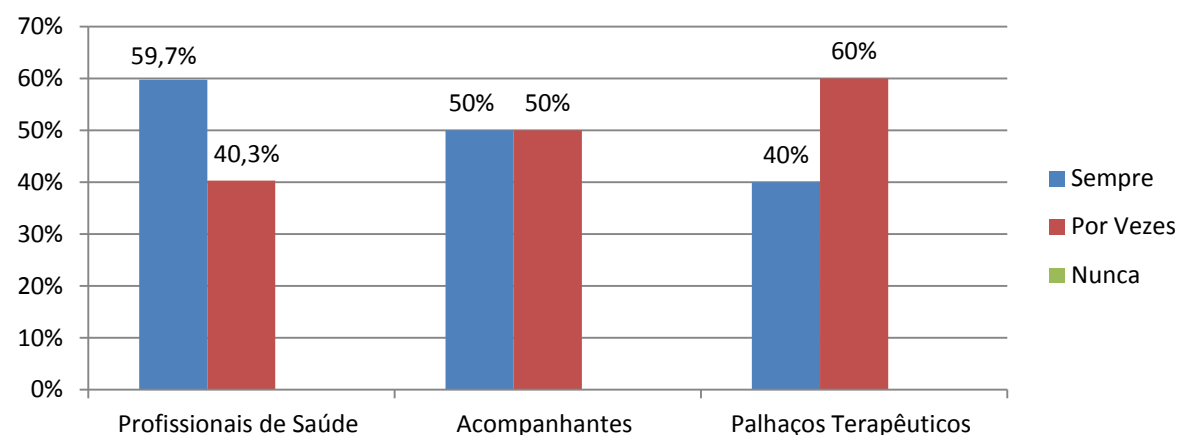


Figura 9: Respostas referentes à pergunta 9: Após a atuação podemos ver melhores as aspectos social da criança (relacionamento com outras crianças hospitalizadas, com os profissionais de saúde ou com o acompanhante)?